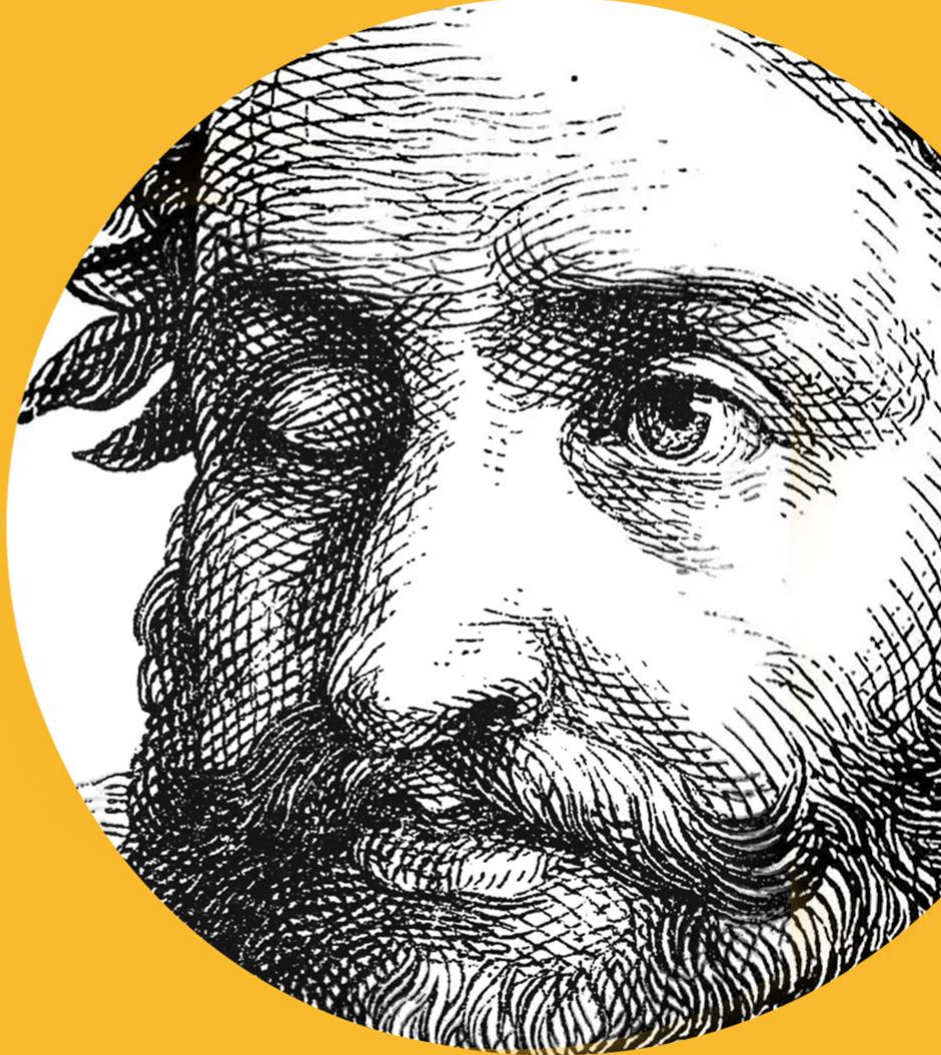


**PROGRAMA
E LIVRO DE
RESUMOS**

**20
26**



Braga
19 e 20 de março
ELACH / Universidade do Minho

**IX REUNIÃO
INTERNACIONAL
DE CAMONISTAS**

*O TEMPO DE CAMÕES:
CAMÕES NO NOSSO TEMPO*



2026

IX REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

O tempo de Camões: Camões no nosso tempo

Braga

19 e 20 de março de 2026

ELACH — Universidade do Minho

Auditório B1, Edifício 2 – campus de Gualtar

ORGANIZAÇÃO

Micaela Ramon · Carlos Mendes de Sousa · Sérgio Guimarães Sousa

SECRETARIADO

Ana Pereira · Andreia Arruda · Benedita Dias · Carla Barros Piedade · Catarina Mendes
Diana Calçado · Hind Khouja · Nádia Costa · Zita Fatima



LETRAS
LISBOA

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

PROGRAMA

DIA 19 DE MARÇO	
9h00	Receção de participantes
9h30 – 10h00	Sessão de Abertura
10h00 – 13h00	1.º Painel — Camões: Tradição Clássica <i>Moderador: Carlos André</i>
	Thomas F. Earle — U. Oxford <i>Da carta horaciana à poesia heroica: ‘As Oitavas a Dom Constantino de Bragança’ de Camões</i>
	Rui Faria — U. Açores <i>Mandas-me, ó Rei, que conte declarando / De minha gente a grão genealogia. Os catálogos de heróis da História de Portugal n’Os Lusíadas: ecos da tradição homérica?</i>
	Matteo Rei — U. Turim <i>As origens da canonização literária de Camões: os poemas laudatórios das Rimas (1595 e 1598)</i>
11h30 – 12h00	Intervalo para café
	Maria Cristina Pimentel — U. Lisboa <i>Qual contra a linda moça Policena... (Lus. I.131.1): o mundo clássico nos símiles camonianos</i>
	André Baptista — U. Lisboa <i>Camões contra-clássico: poéticas da tradição e continuidade</i>
13h00 – 15h00	Intervalo para almoço
15h00 – 17h00	2.º Painel — Estudos Camonianos: Itinerário(s) <i>Moderador: José Carlos Seabra Pereira</i>
	K. D. Jackson — U. Yale <i>Luís de Camões entre a Europa e a Ásia</i>
	Xosé Manuel Dasilva — U. Vigo <i>Estudar Camões entre o passado e o porvir. Da Camonologia à Camonística</i>
	Maria Teresa Nascimento — U. Madeira <i>Ensinar a ler Os Lusíadas: o dispositivo hermenêutico de Manuel Correia</i>
17h00 – 17h30	Intervalo para café
17h30 – 18h00	Apresentação do projeto RELIA — Sílvia Araújo, Rômulo Sherman e Eduardo Mota (ELACH-UMinho)

DIA 20 DE MARÇO	
9h00 – 11h30	3.º Painel — Editar Camões <i>Moderadora: Sheila Moura Hue</i>
	Simon Park — U. Oxford <i>Para que serve uma edição crítica?</i>
	Vanda Anastácio — U. Lisboa <i>(a anunciar)</i>
	Valeria Tocco — U. Pisa <i>A prova do tempo. Retraduzir Camões hoje</i>
	José Camões — U. Lisboa <i>O Teatro de Camões «como diz o texto»</i>
11h30 – 11h45	Intervalo para café
11h45 – 13h30	4.º Painel — Estudos Camonianos: Continuidade e Renovação I <i>Moderador: João R. Figueiredo</i>
	Carlos Maria Bobone — Lisboa <i>O que dizem os ausentes d'Os Lusíadas</i>
	Matheus de Brito — U. Estado do Rio de Janeiro <i>Faria e Sousa, príncipe dos críticos camonianos, e alguns problemas fundamentais da historiografia literária</i>
	Gil Teixeira — U. Porto <i>Um largo mundo por alumiar: Os Lusíadas e a literatura novilatina portuguesa</i>
13h30 – 15h00	Intervalo para almoço
15h00 – 17h00	5.º Painel — Estudos Camonianos: Continuidade e Renovação II <i>Moderadora: Maria do Céu Fraga</i>
	Maria Luísa de Castro Soares — UTAD <i>Na doudice só consiste o siso: a loucura como categoria crítica na épica e na lírica de Camões</i>
	Luís Maffei — U. Federal Fluminense <i>O grito de Camões</i>
	Marcia Arruda Franco — U. São Paulo <i>O tema do fanchono e dos judeus nos comentários de Faria e Sousa aos Disparates de Camões na Índia</i>
	F. Regateiro e M. L. Castro Soares — FMUC / CEL-UTAD <i>Medicina como Arte e Ciência na Ode VIII e n'Os Lusíadas, de Luís de Camões</i>
17h00 – 17h30	Intervalo para café
17h30 – 18h00	Performance lítero-musical camoniana pela Rodamoinho Teatro

RESUMOS & NOTAS BIOGRÁFICAS

1.º Painel — Camões: Tradição Clássica

Thomas F. Earle

Universidade de Oxford, Reino Unido

Da carta horaciana à poesia heroica: ‘As Oitavas a Dom Constantino de Bragança’ de Camões

As oitavas, embora editadas e re-editadas múltiplas vezes ao longo dos séculos, não podem ser contadas, contudo, entre as obras mais conhecidas do poeta. A explicação deste facto pode ser que se trata de uma poesia híbrida, com algumas características da carta ou epístola em verso, mas que também constitui uma espécie de ensaio do estilo épico. As estrofes iniciais do poema manifestam a influência de Horácio, mas, ao contrário do vate romano, Camões crê-se capaz da poesia épica, dedicando-se à celebração das façanhas militares do vice-rei e a considerações acerca de géneros literários, além do papel de Horácio na formação literária do poeta. A comunicação toca também na terminologia geográfica empregada por Camões, que é a causa de alguma confusão entre os comentaristas do poema, na natureza da verdadeira fama, e na relação entre a retórica e a narrativa histórica.

NOTA BIOGRÁFICA

Thomas Earle é Professor de Estudos Portugueses na Universidade de Oxford desde 1968 e Professor Catedrático desde 1996, tendo-se jubilado em 2014. É autor de vários livros e outras publicações acerca da literatura portuguesa, principalmente do século XVI, que abrange uma temática diversa, incluindo a poesia, lírica e épica, o teatro e a prosa histórica. Em 2024 saiu uma edição, da sua autoria, da *Crónica de D. Afonso V* de Rui de Pina.

Rui Tavares de Faria

Universidade dos Açores

«Mandas-me, ó Rei, que conte declarando / De minha gente a grão genealogia...» Os catálogos de heróis da História de Portugal n’Os Lusíadas: ecos da tradição homérica?

Tendo seguido de perto os modelos épicos da tradição clássica, é com a *Eneida* de Virgílio que *Os Lusíadas* dialogam mais vezes, não só ao nível da estrutura como também ao nível do conteúdo que, no canto de Camões, é filtrado e recriado em função dos objetivos do poeta e tendo em conta as tendências do seu tempo. Esta relação não tem impedido, porém, que se proponham e se estabeleçam diálogos entre *Os Lusíadas* e outras obras da Antiguidade Clássica, como os Poemas Homéricos, os quais foram naturalmente fonte de inspiração para o Mantuano. É nesta perspetiva que se inscreve a nossa comunicação, a qual pretende abrir ou reabrir outras relações dialógicas, destacando episódios e estruturas da *Ilíada* – que não é, como já comprovaram ilustres camonistas, um modelo de imitação para o qual Camões tenha olhado com particular atenção – cuja presença parece ecoar nalgumas passagens d’*Os Lusíadas*. Um

dos exemplos sobre os quais recai o nosso estudo incide no catálogo de heróis apresentado ao Rei de Melinde por Vasco da Gama quando este narra ao estrangeiro a História de Portugal, momento em que nos parece ser possível falar-se em recuperação ou recriação – voluntária ou não – do “Catálogo das Naus” que ocupa grande parte do Canto II da *Iliada*.

NOTA BIOGRÁFICA

Rui Tavares de Faria é doutorado em Literatura Portuguesa pela Universidade do Porto (2009) e em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra (2023). É Investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores. É Professor do Quadro com Nomeação Definitiva da Escola Secundária Domingos Rebelo, em Ponta Delgada, e colabora, como Professor Auxiliar Convidado, com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores.

Matteo Rei

Università di Torino, Itália

As origens da canonização literária de Camões: os poemas laudatórios das Rimas (1595 e 1598)

As edições das *Rimas* que viram a lume em 1595 e em 1598 são os primeiros volumes publicados em Portugal a conter poemas laudatórios dedicados a Camões, de acordo com uma prática que já caracterizava as três traduções espanholas de *Os Lusíadas* surgidas ao longo do século XVI. Em particular, o paratexto das *Rimas* transmite-nos um corpus de dez textos, escritos em três diferentes línguas (português, italiano e latim), entre os quais ressalta, pelo prestígio do autor, o soneto escrito por Torquato Tasso. A comunicação propõe-se analisar os motivos comuns a este conjunto de textos, cujo papel foi significativo na primeira receção da obra de Camões e na fase inicial da sua canonização literária.

NOTA BIOGRÁFICA

Matteo Rei é Professor Associado de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Turim. É autor de um volume sobre a obra de Raul Brandão (2011) e de um estudo sobre a literatura portuguesa do final do século XIX (2012). Publicou artigos em livros, atas de colóquios e em revistas italianas e estrangeiras. Em 2016 publicou a edição crítica anotada do poema dramático *Belkiss* de Eugénio de Castro. Integra a redação da *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*. Apresentou comunicações no âmbito de colóquios em Itália e no estrangeiro. Nos seus estudos sobre a literatura portuguesa debruçou-se, entre outros temas, sobre a produção literária do Decadentismo e do Simbolismo, o teatro de Gil Vicente e a poesia do período barroco.

Maria Cristina Pimentel

Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa

Qual contra a linda moça Policena... (Lus. I.131.1): o mundo clássico nos símiles camonianos

Assumindo a distinção da retórica clássica entre, por um lado, a comparação, a metáfora e o símile, e, por outro, o exemplum, ocupar-nos-emos dos símiles na épica e na lírica camonianas em que um dos termos que permitem e sustentam o símile pertence ao mundo clássico (figuras históricas ou mitológicas, episódios ou lugares da Antiguidade). Observaremos em que medida

o *tertium comparationis* do símile apresenta uma maior ou menor coincidência de elementos e circunstâncias entre os dois termos sugeridos em paralelo de identificação ou contiguidade. Assim, avaliaremos o grau de pertinência e verosimilhança do símile, quer no que toca ao seu objetivo explicativo ou ilustrativo, quer no que respeita à sua função no ornatus da poesia camoniana.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, licenciada em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras de Lisboa, fez estágio profissional em Português, Latim e Grego, após o que ingressou na carreira universitária. Fez Mestrado, Doutoramento e Agregação em Literatura Latina. É Professora Catedrática Emérita da FLUL. Foi Diretora da Área de Literaturas, Artes e Culturas e membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico da mesma Faculdade, entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2024. Foi Diretora do Centro de Estudos Clássicos de 2010 a 2017. De 2010 a 2024, foi Diretora da Revista *Euphrosyne*.

É autora de numerosas publicações de caráter científico e pedagógico na área dos estudos clássicos. Os seus autores de eleição são Séneca, Marcial, Santo Agostinho e, sobretudo, Tácito. Traduziu Propércio (Livro II), coordenou e anotou a tradução integral dos *Epiграмas* de Marcial. Também tem publicações na área da Literatura Portuguesa e da Receção dos Clássicos.

Recebeu o Prémio de Tradução Literária atribuído pela Associação Portuguesa de Tradutores e pelo PEN Club, pela tradução (em colaboração com Arnaldo do Espírito Santo e João Beato) de Santo Agostinho, *Confissões* (Lisboa, INCM, 2000; 3.^a ed. revista 2021); e o Prémio de Tradução Científica e Técnica da FCT / União Latina 2008, pela obra de Santo Agostinho, *De Trinitate*. Tradução em colaboração com Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias e João Beato (Lisboa, Edições Paulinas, 2007).

Entre as várias dezenas de congressos e colóquios que organizou, destaque-se o Colóquio Internacional *A Literatura Clássica ou Os Clássicos na Literatura. Presenças clássicas nas literaturas de língua portuguesa*, que coordena com Paula Morão, que teve a sua oitava edição em dezembro de 2025. Desses colóquios têm saído volumes com os estudos, revistos e aprovados, já no número de sete.

É responsável pelo projeto ‘Clássicos em Rede’, segundo protocolo com a Rede de Bibliotecas Escolares e a FLUL, que inclui, entre outras iniciativas, a realização anual das Olimpíadas da Cultura Clássica.

André Baptista

Universidade de Lisboa

Camões contra-clássico: poéticas da tradição e continuidade

Esta comunicação propõe uma leitura de Camões à luz do conceito de «contra-clássico», aqui entendido como hipótese interpretativa desenvolvida no âmbito de um projeto de doutoramento, que permite considerar o poeta simultaneamente continuador e inovador de uma tradição greco-latina já historicizada, assumida a partir de uma consciência de posterioridade.

Partindo da noção de «continuidade descontínua» da tradição literária, a análise centra-se em poemas selecionados da lírica camoniana, de modo a ilustrar uma poética de continuidade marcada pela tensão entre norma e invenção formal.

A leitura articula três dimensões complementares: a relação consciente com a tradição clássica; a renovação e continuidade da sua poética, em diálogo com reflexões contemporâneas sobre herança cultural; e a perspetiva de itinerário textual e histórico, evidenciando como

procedimentos como a erudição e a autoconsciência poéticas, frequentemente associadas a uma sensibilidade maneirista, se inscrevem num iter que faz comunicar Antiguidade e Modernidade.

Ao situar Camões no contexto de um «contra-clássico» moderado, a comunicação contribui para o painel «Estudos camonianos: continuidade e renovação», mostrando de que modo a tradição clássica é reinterpretada de forma criativa e crítica na lírica camoniana e oferecendo uma leitura acessível, rigorosa e centrada na obra, que combina análise textual, enquadramento histórico e reflexão crítica sobre tradição e invenção literária.

NOTA BIOGRÁFICA

André Baptista é doutorando em Estudos Clássicos e investigador no Centro de Estudos Clássicos, desenvolvendo uma tese sobre aspetos maneiristas e barrocos da poesia greco-romana, portuguesa e italiana. Licenciado e mestre em Estudos Clássicos pela Universidade de Lisboa, participou no programa Erasmus nas Universidades de Bari, Pisa e Bolonha, tendo ainda realizado uma estadia de estudo e investigação na Universidade de Gante. Ensinou Português em escolas públicas, conciliando experiência pedagógica com investigação académica, e cultiva os seus interesses em tradição clássica, poética e literatura portuguesa e italiana.

2.º Painel — Estudos Camonianos: Itinerário(s)

Kenneth David Jackson

Universidade de Yale, EUA

Luís de Camões entre a Europa e a Ásia

Os versos que Camões deve ter escrito ao longo dos seus dezassete anos (1553–1569) na Ásia constituem uma geografia do seu exílio e das suas tribulações. A sua poesia é marcada por confissões de perda e de saudade de Portugal, geralmente dirigidas a uma musa e às memórias de um outro tempo. Embora os seus poemas estejam repletos de queixas desesperadas, Camões distingue-se pela capacidade de encontrar refúgio na filosofia e na própria tradição clássica em que escreve e pensa. É o primeiro grande autor a escrever literatura europeia na Ásia, recorrendo ao seu vasto conhecimento da literatura, da cultura, da história e da filosofia clássicas.

NOTA BIOGRÁFICA

Kenneth David Jackson é professor de literatura luso-brasileira na Universidade de Yale. Doutorou-se com Jorge de Sena na Universidade de Wisconsin. Interessa-se pelos movimentos modernistas na literatura e outras artes, na cultura portuguesa na Ásia, na poesia, música e etnografia. Pesquisou o cancionário crioulo musical na Índia e no Sri Lanka. Em Yale organizou, entre outros, os congressos “Portuguese World Music” (2006) e “Goa: A Postcolonial Society between Cultures” (2013) e “India-Portugal: Confluence of Cultures” (2025). Entre as suas publicações, *Uma Presença Oculta: 500 Anos de Cultura Portuguesa na Índia e no Sri Lanka* (Macau, 1995); um estudo de verso crioulo na Ásia, *Sing Without Shame* (Amsterdão e Macau, 1990), três CDs na coleção *A Viagem dos Sons* (Lisboa, EXPO '98) e o CD-ROM *Luís de Camões and the First Edition of The Lusíads* (2003). É autor de *Adverse Genres in Fernando Pessoa* (2010), *Machado de Assis: A Literary Life* (2015) e *Cannibal Angels: Transatlantic Modernism and the Brazilian Avant-Garde* (2021).

Xosé Manuel Dasilva*Universidade de Vigo, Galiza, Espanha****Estudar Camões entre o passado e o porvir. Da Camonologia à Camonística***

A celebração das efemérides relacionadas com Camões costuma representar, principalmente desde a comemoração do tricentenário da sua morte, uma oportunidade bastante propícia para fazer um balanço crítico. Assim, no que diz respeito ao presente, observa-se a sobrevivência do que poderíamos denominar algumas reduções tradicionais, como a imagem do poeta em grande parte dominada pela excecionalidade e as interpretações de natureza biográfica da obra lírica. Ao mesmo tempo, deteta-se a presença de novas vias interpretativas, como a revisão da posição primacial de Camões em comparação com os seus contemporâneos e a contextualização da sua produção sob o ângulo da herança clássica e do quadro literário peninsular. No entanto, verifica-se a existência de deveres ainda pendentes, como a complexa questão editorial no que se refere ao cânone autoral no género lírico e à fixação do texto verdadeiro tanto neste registo como no épico e no teatral. O propósito desta contribuição centra-se precisamente noutra tarefa que, em nossa opinião, também se encontra à espera. Trata-se do estabelecimento de meios renovados para garantir o porvir das aproximações ao escritor. Sem dúvida, é um facto inegável que o atual candidato a estudioso de Camões tem de enfrentar fontes bibliográficas de dimensão gigantesca, o que provoca compreensivelmente uma certa atitude de retraimento. Uma prova evidente dessa circunstância é a tendência contínua, já desde o século XIX, de elaborar catálogos de referências tanto ativas como passivas. A partir da necessária distinção entre os conceitos de Camonologia e Camonística, utilizados para designar, respetivamente, o conjunto de estudos e a investigação propriamente dita sobre Camões, propõe-se aqui a criação de uma bibliografia camoniana informatizada, concebida de acordo com critérios adequados e com o carácter mais exaustivo possível, com o objetivo essencial de favorecer o trabalho dos futuros especialistas.

NOTA BIOGRÁFICA

Xosé Manuel Dasilva é professor catedrático na Faculdade de Filologia e Tradução da Universidade de Vigo. Doutorou-se com uma tese sobre os sonetos de Luís de Camões que recebeu a máxima classificação de um júri constituído por Pilar Vázquez Cuesta, Xosé Filgueira Valverde e Leodegário A. de Azevedo Filho. Realizou atividades científicas e académicas por convite na Universidade do Porto, Universidade de Coimbra, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Lisboa, Universidade dos Açores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal da Bahia, entre outras instituições. Pertence ao Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. A figura de Camões constitui uma das suas principais linhas de investigação, centrando a atenção neste domínio sobretudo nos problemas editoriais e interpretativos das suas criações no género lírico, nas leituras críticas das suas obras por outros autores ao longo do tempo e na receção que a sua produção literária mereceu especificamente no espaço espanhol. É autor da monografia *“De tão divino acento em voz humana”* (Leituras dos Sonetos de Camões) e de mais de cinquenta artigos e capítulos de livros sobre temas camonianos, além de tradutor para espanhol do *Auto chamado dos Enfatriões*. Coordenou o número monográfico *Camões y la cultura española* (2015) de *Limite. Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonia*.

Maria Teresa Nascimento*Universidade da Madeira e CIEC****Ensinar a ler Os Lusíadas: o dispositivo hermenêutico de Manuel Correia***

Partindo da hipótese de que todo o comentário implica um gesto de autoridade, propomo-nos analisar a prática exegética de Manuel Correia como dispositivo de regulação e orientação de sentido, ao instituir-se como mediação autorizada entre texto e leitor.

Comentar é, neste contexto, produzir legibilidade e afirmar autoridade interpretativa.

É fixar o que “deve” ser entendido, excluir silenciosamente leituras divergentes e orientar a receção futura.

Comentar pode significar ensinar a ler: formar um leitor capaz de reconhecer códigos éticos e estéticos, interpretar imagens e integrar a poesia épica num horizonte de saber estruturado.

O trabalho exegético do Comentador, ao articular filologia humanista, doutrina moral e legitimação histórica, produz uma leitura controlada que fortalece o estatuto da epopeia enquanto obra simultaneamente poética, verdadeira e edificante.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento. Universidade da Madeira – Faculdade de Artes e Humanidades. CIEC.

Algumas Publicações: NASCIMENTO, Maria Teresa, *Percursos do Diálogo no Séc. XIX. Corpus Descritivo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2024. NASCIMENTO, Maria Teresa, *Insulana de Manuel Tomás*. Com atualização do texto. Introdução e Notas de Maria Teresa Nascimento. Coimbra. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2024. *OS LUZIADAS de Luis de Camões príncipe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos*, ALMEIDA, Isabel (coord. e comentário), transcrição de textos de Filipa Medeiros, Marcelo Vieira, Manuel Ferro e Maria Teresa Nascimento, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos 2014. NASCIMENTO, Maria Teresa, *O Diálogo na Literatura Portuguesa. Renascimento e Maneirismo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2011.

NASCIMENTO, Maria Teresa, “Entre a Fé e a Vida: os Sermões da Quaresma do Padre António Vieira”, AAVV, Estudos sobre o Padre António Vieira. I – a sedução da palavra: os sermões, Lisboa, INCM, 2017, pp. 343-354.

NASCIMENTO, Maria Teresa, Sabores e Saberes na Ilha dos Amores, em Comentários de Manuel de Faria e Sousa, in Ivan, Francisco; Maldonado, Reny; Lima, Samuel. Colóquio Barroco IV, Natal, 2017, pp. 461-472.

NASCIMENTO, Maria Teresa – Afetos e diálogos nos comentários de Faria e Sousa a *Os Lusíadas*: a viagem do Gama em perspetiva. *IRL*, vol. 1, n.º 57. DOI: <https://doi.org/10.58943/irl.v1i57.18679>

NASCIMENTO, Maria Teresa “João de Barros. Le pionnier du dialogue portugais”, *Les États du Dialogue*, E. Buron, P. Guérin, C. Lesage, Presses Universitaires François Rabelais de Tours, Presses Universitaires de Rennes, 2015, pp. 335-342.

Coordenadora da linha de Investigação – Edição dos Comentários de Camões do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Coordenadora da Equipa de Acreditação de Manuais de Português para o 5.º, 6.º, 10.º, 11.º e 12.º Anos, na Universidade da Madeira.

3.º Painel — Editar Camões

Simon Park

Universidade de Oxford, Reino Unido

Para que serve uma edição crítica?

Partindo da experiência recente de coedição de *Os Lusíadas*, esta comunicação reflete sobre o que torna uma edição verdadeiramente ‘crítica’. Analisa-se, em particular, o desafio de editar o poema épico de Camões para leitores do século XXI, sobretudo para estudantes que se sentem afastados por um texto de grande densidade erudita e para leitores sensíveis às ligações profundas da obra aos legados históricos do império português. Propõe que a dimensão “crítica” de uma edição não reside apenas no rigor filológico, mas também na capacidade de contextualização histórica e de problematização interpretativa, essenciais para uma leitura informada, pedagógica e eticamente consciente de *Os Lusíadas* na contemporaneidade.

NOTA BIOGRÁFICA

Simon Park é Professor Catedrático de Português e Tradução na University of Oxford, onde é também Academic Lead for Equality, Diversity and Inclusion da Humanities Division. O seu primeiro livro, *Poets, Patronage, and Print in Sixteenth-Century Portugal*, foi publicado pela Oxford University Press em 2021. Em 2025 publicou *Wreckers: Disaster in the Age of Discovery* pela Penguin, com edição em português pela Presença prevista para breve.

Vanda Anastácio

Universidade de Lisboa

(a anunciar)

Valeria Tocco

Universidade de Pisa, Itália

A prova do tempo. Retraduzir Camões hoje

No contexto das recentes comemorações camonianas, registou-se uma atenção renovada para o ensino de um clássico renascentista no terceiro milénio. Neste sentido, torna-se relevante analisar também de que modo a obra de um poeta do século XVI é hoje mediada pela tradução e oferecida a novos públicos. O caso italiano constitui um observatório privilegiado para refletir sobre as modalidades de transmissão e tradução de textualidades tão aparentemente distantes (no tempo e no espaço), dada a publicação de várias novas versões da obra lírica e épica por ocasião dos centenários de 1972, 1980 e, em particular, 2024-2026. As traduções analisadas partilham o pressuposto metodológico do respeito pela forma poética do original - verso, rima e estrutura estrófica -, mas divergem significativamente quanto ao registo linguístico e à gestão da historicidade. Algumas privilegiam uma língua alta e historicamente neutra, orientada para a legibilidade e a integração no sistema poético de chegada, em linha com práticas de *domestication* (Venuti); outras recorrem a formas de arcaísmo simulado, destinadas a tornar visível a distância temporal do texto, numa perspetiva próxima da *épreuve de l'étranger* (Berman). À luz da reflexão de Meschonnic sobre a relação entre poética e tradução, o contributo propõe repensar a fidelidade como negociação entre forma, ritmo e historicidade na tradução contemporânea de Camões.

NOTA BIOGRÁFICA

Valeria Tocco é professora catedrática de Literatura Portuguesa, Brasileira e Africana de expressão portuguesa na Universidade de Pisa, onde coordena a Cátedra Antero de Quental (Camões, IP/Pisa) e o

Centro CAPLE. Além de trabalhos na área da linguística e da tradução, tem-se dedicado a pesquisas relativas aos séculos XVI-XVII, produzindo trabalhos de caráter filológico, muitos dos quais sobre Luís de Camões, incluindo a edição comentada do poema épico *Os Lusíadas* (Milão, 2001, Pavia, 2025), com uma nova tradução, e uma monografia sobre a tradição manuscrita do poema. No âmbito contemporâneo, dedicou-se principalmente ao Modernismo, à Vanguarda (Fernando Pessoa, Almada Negreiros) e à Neovanguarda, ao Pós-modernismo (Herberto Helder, Dinis Machado, Jorge de Sena). É autora, entre outros, de uma *Breve história da literatura portuguesa desde as origens até aos dias de hoje* (Roma, 2011) e, com Roberto Francavilla e Inocência Mata, do volume *As literaturas africanas em língua portuguesa. Temas, percursos, perspetivas* (Milão, 2022).

Traduziu prosa e poesia, incluindo *O Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa (Milão, 2011); e ganhou o primeiro prémio de tradução poética do Prémio Literário Cidade de Forlì (8.ª edição) e o primeiro Prémio Claris Acerbi 2019 para tradução literária (com Sofia Morabito), com a versão italiana de *O fidalgo aprendiz* de Francisco Manuel de Melo (*L'aspirante gentiluomo*, Livorno, 2019).

José Camões

Centro de Estudos de Teatro, Universidade de Lisboa

O Teatro de Camões «como diz o texto»

Conhecedor do repertório teatral que se faz no seu tempo, Luís de Camões inscreve de modo singular o seu Teatro na restante produção dramática portuguesa do século XVI. A par da observação e desvio das convenções teatrais quinhentistas, revela-se ciente de uma linguagem construída a um tempo per sua arte e pelo natural. Para além da fixação do(s) texto(s), o editor beneficia quando conhece o universo teatral do tempo do poeta, os lugares que o teatro torna comuns, e tem consciência de que os factos da língua se registam de modo diferente quando se está perante um texto concebido para ser dito em voz alta.

NOTA BIOGRÁFICA

José Camões é Investigador do Centro de Estudos de Teatro da FLUL, onde desenvolve investigação sobre a História do Teatro em Portugal e ferramentas digitais para esta área de estudo. Centra a sua pesquisa nos séculos XVI-XIX, assegurando a direção de vários projetos, destacando-se a edição integral do Teatro de Autores Portugueses (Séculos XVI e XVII), História do Teatro em Portugal (Documentos e Cronologias), Teatro Proibido e Censurado (Séculos XVIII e XIX), Entremezes Ibéricos: catálogo, edição e estudo.

Para além de editor do teatro clássico português, publicou a *Poesia de Sá de Miranda*, acrescentando diversos testemunhos inéditos (INCM, 2022). Prepara a edição do Teatro de Luís de Camões.

4.º Painel — Estudos Camonianos: Continuidade e Renovação I

Carlos Maria Bobone

Lisboa

O que dizem os ausentes d'Os Lusíadas

Depois da interpretação de Jorge de Sena, que procura encontrar uma relação unificada entre as personagens do épico a partir de um vínculo familiar que tem o poeta no centro, vale a pena inverter a pergunta. Um olhar sobre os principais protagonistas da História Portuguesa

ausentes d’*Os Lusíadas* permite-nos perceber uma recusa camoniana de algum tipo de atitude ou ideologia?

NOTA BIOGRÁFICA

Carlos Maria Bobone (n. 1992) é licenciado em filosofia, alfarrabista, crítico literário, editor no jornal Observador e na revista Crítica XXI. É autor de quatro livros, entre os quais “Camões - Vida e Obra”.

Matheus de Brito

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Faria e Sousa, príncipe dos críticos camonianos, e alguns problemas fundamentais da historiografia literária

Os estudos camonianos são em grande medida um campo especializado da história literária, espelham sua disciplinaridade e como tal oferecem um prisma para ela. Em seu modelo normal, consolidado através da capilarização institucional da cultura letrada, essa história foi elaborada por categorias do pensamento e do modo de vida do século XIX. Disso decorrem, porém, problemas específicos quando se trata de um autor como Camões. Por um lado, ele constitui o núcleo do cânone literário em língua portuguesa e em certo sentido até parece um autor como que exaurido pela crítica; por outro, no momento em que convenções de leitura e produção discursivas que herdamos do século XIX são afastadas de sua obra, fica em mais de um sentido evidente que, como disse Graça Moura, “sabemos muito pouco de Camões”. Essa discrepância entre familiaridade canônica e opacidade histórica pode ser remediada pela reconstrução crítica, diferenciadora, do conjunto de práticas letradas próprias das sociedades de antigo regime que constituem a fibra íntima da obra do poeta.

Um dos principais entraves conceituais na abordagem do campo é o recurso a -ismos como categorias descritivas fundadas em critérios estilísticos como se tais critérios se ancorassem em realidades diretas, um pouco segundo o *dictum* buffoniano de que “o estilo é o próprio homem”. Herdados do historicismo romântico-positivista, em si uma ferramenta de classe na mão de uma burguesia que remodelava as relações sociais e político-jurídicas de seu tempo, o objetivo desses conceitos era tornar comensuráveis o passado e o presente, viabilizando uma continuidade histórica às expensas da especificidade dos objetos; nesse sentido, hoje o declínio dos -ismos deve-se sobretudo ao seu progressivo embotamento investigativo, modelados como foram por procedimentos redutores cuja economia pedagógica entra em conflito com a atual complexidade do campo, seus propósitos de conhecimento e em certo sentido até mesmo as premissas sócio-históricas que organizam o discurso do saber. Seja como for, a hipóstase didático-conceitual do modelo normalizado da história tornou-se matriz de anacronismos e outras deformações de perspectiva relativas à pragmática textual histórica. Se reconhecemos que esse modelo desempenhou uma função institucional com consistência própria, como forma de conter ou represar apropriações mais “selvagens” dos artefactos literários, parece, de qualquer modo, que na didática literária os -ismos contribuíram de modo (conceitualmente) decisivo para a consabida desqualificação da leitura literária no espaço social, precisamente por elidi-la. Esse paradoxo da domesticação disciplinar incide também sobre Camões, já que abordagens “selvagens” talvez sejam o sismógrafo da vitalidade de um fenómeno cultural. Ler sua obra hoje implica, assim, em mais de um sentido, confrontar os limites impostos pela canonização – implica menos o acúmulo de novas proposições interpretativas do que a análise das condições

críticas, discursivas e institucionais que determinaram os modos como Camões foi lido e ensinado.

Nesse contexto, parece-nos produtivo o recurso à obra de Faria e Sousa. É certamente uma fonte valiosa para a reelaboração de “um Camões bem diferente”, anterior às determinações interpretativas que os conceitos de arte literária e cultura burgueses do século XIX lhe imprimiram. Além disso, de um ponto de vista teórico, sua pré-disciplinaridade exige o deslocamento de conteúdos, a desnaturalização de categorias e uma reavaliação da história da canonização de Camões. Perguntamo-nos em suma: de que modo é possível reimaginar questões de ensino e pesquisa da obra camoniana quando pensamos Faria e Sousa como fonte histórica e instrumento heurístico para mapear referências e usos de produção e receção camonianas? Nossa comunicação propõe uma visão dessas questões, em duas etapas: primeiro, organizaremos num nível metateórico os pontos pertinentes à nossa exposição; de seguida, pensaremos algumas passagens da obra de Faria e Sousa, “Príncipe dos críticos”, no que ela tem de relevante para a nossa atualidade.

NOTA BIOGRÁFICA

Matheus Barbosa Morais de Brito. Professor Adjunto no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CULT-ILE/UERJ).

Professor de Teoria da Literatura no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2022–), junto ao qual ministra aulas na Licenciatura e na Pós-Graduação. Conduziu investigação pós-doutoral no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, com o projeto “*O ethos do dissídio na lírica camoniana*” (FAPESP, 2017–2020). Possui doutorado em Materialidades da Literatura pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e, sob regime de cotutela, em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (2017). É licenciado em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Universidade de Coimbra (2011). Colabora com o Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (Coimbra, 2011–) e com o Centro de Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra, 2011–).

Gil Clemente Teixeira

Universidade do Porto

Um largo mundo por alumiar: Os Lusíadas e a literatura novilatina portuguesa

O inesquecível Ega d’*Os Maias* talvez ainda tenha razão quando, no diálogo final com Carlos da Maia, à pergunta “E que somos nós?” responde, convictamente, “românticos”. Em parte, por herança romântica, de facto, habituámo-nos a estudar literatura portuguesa dos séculos XVI a XVIII a partir de obras escritas exclusivamente em língua portuguesa. José Adriano de Freitas Carvalho chamou já a nossa atenção para os perigos deste entendimento cómodo, mas redutor, do panorama literário nacional, pois quer as obras em castelhano, quer as obras em latim, fizeram parte do sistema literário e, por isso, são fundamentais para a sua plena compreensão.

Assim, nesta breve comunicação, com o auxílio de investigadores que nos precederam, refletiremos, num primeiro momento, sobre a importância da literatura novilatina no enquadramento poético d’*Os Lusíadas*, como é o caso do poema *Vincentius Leuita et Martyr* (1545) de André de Resende. Num segundo momento, consideraremos a literatura novilatina produzida depois de Camões e veremos os diferentes modos como ela dialoga com os versos do príncipe dos poetas, como é o caso do poema épico *Castreidos* (1739) do teatino Tomás Caetano

de Bem. Com o cruzamento de dois mundos que o tempo separou, entenderemos com maior clareza, certamente, o funcionamento do sistema literário português da Idade Moderna, bem como o papel central d’Os *Lusíadas* nesse mesmo sistema.

NOTA BIOGRÁFICA

Gil Clemente Teixeira (1994) é, desde 2025, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, doutorado em Estudos Portugueses e Românicos, na especialidade de Estudos Camonianos, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2024), e mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2018). É membro integrado do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, unidade de investigação da FLUP, e a sua área de investigação é a literatura e a cultura portuguesas dos séculos XVI a XVIII, com especial incidência nos estudos camonianos, na literatura novilatina portuguesa, na prosa de ficção e na receção dos clássicos.

5.º Painel — Estudos Camonianos: Continuidade e Renovação II

Maria Luísa de Castro Soares

UTAD

“Na doudice só consiste o siso”: a loucura como categoria crítica na épica e na lírica de Camões

Esta comunicação analisa a evolução do conceito de loucura enquanto categoria crítica na cultura ocidental, centrando-se na transição da Antiguidade Clássica para o Humanismo Renascentista, com particular enfoque na obra de Luís de Vaz de Camões. O estudo traça o percurso da loucura desde as suas raízes mitológicas, onde surge como vingança divina e desvario místico, associado à figura de Dioniso, ou como presunção e cegueira trágica, tal como representadas na épica homérica e na tragédia sofocliana.

No contexto do Renascimento, sob a influência do pensamento erasmiano, a loucura é progressivamente ressignificada como uma categoria satírica e um dispositivo crítico capaz de expor a hipocrisia social e os mecanismos de poder, assumindo também uma função de coesão e integração coletiva, visível em autores como Gil Vicente e Sá de Miranda.

A análise culmina na obra camoniana, onde se identifica uma conceção ambivalente da loucura. No plano épico, esta manifesta-se sob a forma de excesso heroico e de uma lógica de desmedida que sustenta a expansão marítima e a superação dos limites humanos. No plano lírico, nomeadamente através do episódio de Trasilau, a loucura surge como uma ilusão protetiva, capaz de resguardar o indivíduo da dor da realidade e do “desconcerto do mundo”.

Conclui-se que Camões subverte o paradigma moral tradicional ao afirmar que “na doudice só consiste o siso”, sugerindo que a lucidez é inseparável do sofrimento e do peso social, enquanto a loucura oferece um espaço de liberdade radical e de equilíbrio interior face à violência do real.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Luísa de Castro Soares é Professora Associada (2021) com Agregação (2008) e doutorada (2000) em Literatura Portuguesa, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Completou o Mestrado em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1992) e a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Franceses (1985) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Atualmente, é diretora do Doutoramento em Estudos Interdisciplinares da Literatura e leciona Literatura Portuguesa

Clássica e Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na UTAD. É Formadora certificada nas áreas de Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura. É investigadora no Centro de Estudos em Letras (CEL) na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e investigadora colaboradora no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (CECH-UC) e no Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC-UC). Tem publicações em livro, em capítulos de livro e em artigos científicos indexados da área da especialidade. É membro da Academia de Letras de Trás-os-Montes; colaboradora estrangeira no Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa - GELLP, da Universidade Estadual do Piauí (Brasil); membro do Conselho de Redação da *Revista de Letras* – UTAD; membro do Conselho de Direção da *Nova Águia. Revista de Cultura para o Século XXI* e Sócia Honorária do MIL-Movimento Internacional Lusófono.

Luis Maffei

Universidade Federal Fluminense, Brasil

O grito de Camões

A poesia de Camões, tanto na lírica como no épico, não raro investiga limites e fronteiras da linguagem. Modos de tocar bordas da língua poética – o que só é possível dentro dessa língua – são a abertura ao sonho, a modulação da voz (a “tuba canora” e a “agreste avena”), o choro e, entre outras encenações, ou gestos, o grito. Este trabalho pretende observar um pouco desse labor camoniano, com especial atenção ao grito, cujas manifestações na obra são múltiplas. Interlocutor central para esta reflexão será o ensaio *Ayai! O grito da literatura*, de Hélène Cixous, o que pode demonstrar, mais uma vez, o talento da poesia de Camões para dialogar com o pensamento contemporâneo.

NOTA BIOGRÁFICA

Luis Maffei é professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Bolsista em Produtividade do CNPq, PQ 2, desde 2018. Bolsista Jovem Cientista de Nosso Estado - FAPERJ, entre 2015 e 2017. Como ensaísta, publicou os livros *Do mundo de Herberto Helder* (2017), *Ciranda da poesia - Manuel de Freitas por Luis Maffei* (2015), *Despejo quieto - ensaios sobre poesia portuguesa* (2015) e, com Pedro Eiras, *A vida repercutida - uma leitura da poesia de Gastão Cruz* (2012). Organizou, em parceria com Diana Pimentel, *Até que - Herberto Helder* (2015); com Ida Alves, *Poetas que interessam mais - leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa* (2012); com Lilian Jacoto, *Soldado aos laços das constelações - Herberto Helder* (2009); e com Jorge Fernandes da Silveira, *Poesia 61 hoje* (2011). É também poeta, com vários títulos publicados, entre os quais *Signos de Camões* (2012) e *Conjura* (2023). Como ensaísta, tem textos publicados em diversas revistas, como *Metamorfoses*, *Via atlântica*, *Colóquio/letras*, *Relâmpago* e revista *Camões*. Pelo conjunto da obra, recebeu o prémio Icatu de Artes - Literatura, 2013. Organizou, com Paulo Braz, edição d’*Os Lusíadas*, com notas e ensaios de diferentes pesquisadores e pesquisadoras brasileiras (Kotter, 2024). É Sócio Benfeitor do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Concluiu, em 2024, um segundo doutoramento, em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ), tendo apresentado a tese *A sociedade do smartphone - uma leitura da digitalização do mundo*.

Marcia Arruda Franco

Universidade de São Paulo, Brasil

O tema do fancho e dos judeus nos comentários de Faria e Sousa aos Disparates de Camões na Índia

O comentário de Faria e Sousa a redondilhas de Camões ficou inédito, isto é, não consta das *Rimas Varias* (1685-9). No volume IV da sua edição das Obras de Camões, o Visconde Juromenha resumiu em suas notas os comentários do célebre seiscentista, pois teve acesso ao Segundo Borrador, 1644, em que muitas trovas são comentadas embora de forma lacunar e desigual. Atualmente, as páginas desse comentário estão divididas em dois códices de duas bibliotecas de diferentes continentes. Algumas poucas redondilhas estão no códice da Biblioteca Ducal de Vila Viçosa, onde se encontra misturado a éclogas o juízo sobre a medida velha e os comentários a Babel e Sião já publicados por Maria de Céu Fraga. As anotações referentes aos Disparates seus na Índia estão junto a outras muitas redondilhas, encadernados no final do códice depositado na Houghton Library da Universidade de Harvard, com os seus comentários a *Os Lusíadas*, cujo Segundo Borrador é datado de 1621. Em algum momento esses comentários formavam um único códice a que outro bibliófilo Tomás de Aquino teve acesso no século XVIII antes do Visconde o referir como seu, no IV Volume de suas obras completas em 1863, antes da desmembração e encadernação atual. Nesta comunicação, objetivo mostrar aspetos da mentalidade antissemita e homofóbica de Faria e Sousa desnudada em seus comentários a esta sátira de Camões.

NOTA BIOGRÁFICA

Marcia Arruda Franco é professora doutora livre-docente da Universidade de São Paulo, coordenou a parceria USP-UMINHO, colabora no CIEC-UC, professora externa do doutorado em Filologia moderna da USAL e é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq/Brasil. Publicou artigos e volumes sobre a poesia renascentista portuguesa. Lidera o Grupo de Pesquisa Reescrever o século XVI (CNPq/USP).

Fernando J. Regateiro e Maria Luísa de Castro Soares

FMUC / CEL-UTAD

Medicina como Arte e Ciência na Ode VIII e n'Os Lusíadas, de Luís de Camões

O trabalho analisa a interseção entre ciência, literatura e medicina na obra de Luís de Camões, com especial incidência na Ode VIII e n'Os Lusíadas. Partindo do contexto humanista do século XVI, examina-se a forma como Camões valoriza o conhecimento empírico, nomeadamente ao prefaciar o tratado botânico de Garcia de Orta, articulando a herança clássica com as novas descobertas oriundas do Oriente. O estudo detém-se em descrições de enfermidades como o escorbuto e na distinção entre saberes intelectuais e saberes práticos de médicos e cirurgiões, evidenciando a conceção da medicina como um campo onde rigor metodológico e “arte médica” se interpenetram. Conclui-se que, na obra camoniana, o engenho poético e o saber científico se afirmam como vias complementares para a compreensão da natureza e da condição humana.

NOTA BIOGRÁFICA

Fernando J. Regateiro é licenciado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC). Doutorou-se e fez provas de agregação na área da Genética. É Professor Catedrático Jubilado Convidado da FMUC e da Universidade de Cabo Verde (UniCV). É autor do livro *Manual de Genética Médica*, co-autor ou coordenador da edição de mais de 20 livros e autor ou co-autor de mais de 200 trabalhos científicos. É Coordenador da Comissão Nacional para a Humanização dos Cuidados de Saúde no SNS, desde fevereiro de 2024. É membro do Conselho Geral da UniCV, desde 2016. Integra a Equipa de Coordenação da Formação em Exercício de especialistas em Medicina Geral e Familiar, por designação do Ministro da Saúde de Cabo Verde. É académico emérito da Academia Nacional de Medicina de Portugal. Possui a “competência em gestão de serviços de saúde” pela Ordem dos Médicos.

Foi Pró-Reitor da Universidade de Coimbra. Foi o primeiro diretor da IUC - Imprensa da Universidade de Coimbra (1998-2005), contribuindo para a sua refundação, longos anos após a extinção, em 1934. Nos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) e no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), foi presidente do CA, durante aprox. 8 anos. Foi consultor internacional para a instalação do Mestrado Integrado em Medicina (MIM) na UniCV e coordenador-geral do MIM desta Universidade, até à jubilação. Foi Coordenador Nacional para a Reforma do SNS na área dos Cuidados de Saúde Hospitalares (2016-2019). Criou e liderou o Grupo de Trabalho para a Humanização dos Cuidados Hospitalares responsável pela elaboração do “Compromisso para a Humanização Hospitalar”, assinado por todos os hospitais do País (2019). Foi presidente do CA da Administração Regional de Saúde do Centro (2005-2007). Foi diretor do Centro de Histocompatibilidade do Centro (1999-2005). Foi conselheiro do CNE - Conselho Nacional de Educação (1995-2002) e coordenador de uma secção. Foi conselheiro do CNECV - Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (2003-2009).

Foi condecorado, pelo Governo da República de Cabo Verde, com a Medalha de Mérito de 1.º grau, em abril de 2016. Foi distinguido com o troféu à “Cooperação de Excelência” pela Reitoria da Universidade de Cabo Verde, em 2019. Foi distinguido com “Certificado de Reconhecimento e Honra” pela Ordem dos Médicos de Cabo Verde, em setembro de 2023.

Maria Luísa de Castro Soares: ver nota biográfica no 5.º Painel (comunicação individual).

